

O ENTERRO DE CURT NIMUENDAJÚ (1883-1945)

Thekla Hartmann (*)

ABSTRACT

The paper furnishes data on the long process that eventually led to the definitive burial of the remains of Curt Nimuendajú, deceased 1945, in a cemetery in São Paulo, Brazil.

A 24 de setembro de 1981, deu-se a inumação definitiva dos restos mortais de Curt Nimuendajú, na sepultura nº 21 da quadra IV do Cemitério do Redentor, situado à avenida Dr. Arnaldo, nº 1.105, na cidade de São Paulo. Seus despojos encontram-se agora ao lado do jazigo de um amigo, a quem ofereceu, nos idos de 7 de agosto de 1920, um exemplar do trabalho sobre os Apokukuva. Esse livro de encadernação antiga está entre os meus mais caros guardados e apresenta anotações a lápis, do próprio punho de Nimuendajú, inclusive uma dedicatória redigida em Belém, que diz: "Ao meu querido, velho amigo Paul Aliche, lembrança da época das visitas de índios em sua hospitaleira casa".

Termina assim um longo processo administrativo na Universidade de São Paulo, iniciado a 7 de junho de 1978 (Proc. RUSP 17.453/78) a pedido do Setor de Etnologia do Museu Paulista. O processo em si apresentou lances de humor negro, alguns surrealistas, mas esses ficarão sepultados na memória dos poucos que se empenharam em dar um destino, se não condigno, pelo menos decente, ao que sobrou do indivíduo Curt Nimuendajú.

Supérfluo falar de Nimuendajú aos antropólogos. Falecido a 10 de dezembro de 1945 numa aldeia tukúna perto de Santa Rita do Weil, Curt Nimuendajú, por sua vida a favor dos índios e sua obra sobre os índios, tornou-se quase um mito na Etnologia do Brasil. Conhecem-no as velhas e as novas gerações de antropólogos; foi tema de uma série de publicações de especialistas e de leigos, sendo a mais recente o livro de cunho popular de Georg Menchén⁽¹⁾; inspirou projetos de pesquisa do vulto de um convênio Harvard University – Museu Nacional para a investigação sistemática das populações de fala jê, que levaram à maioridade a teoria antropológica no Brasil; é exemplo citado por correntes de ação e pensamento tão contraditórias, como governo, Igreja e "intelligentsia"; ainda hoje constitui preocupação central de pelo menos três dissertações ou teses. Supérfluo falar de Nimuendajú aos antropólogos.

Se a pesquisa sobre sua vida e sua obra ainda continua, não é supérfluo falar da morte e dos despojos de Nimuendajú, pelo menos para fins de documentação. Lástima que se trate de um capítulo de que a comunidade científica, a mesma que tanto enaltece Curt Nimuendajú, certamente não se pode orgulhar.

(*) Do Setor de Etnologia do Museu Paulista da USP.

(1) Menchén, Georg. *Nimuendajú, Bruder der Indianer*. Leipzig, VEB F.A. Brockhaus, 1979, 236 pp., 1 mapa, numerosas ilustrações e bibliografia.

No Cartório do Judicial de Mais Offícios Anexos de S. Paulo de Olivença consta, no Livro n. B-6 de Registro Especial de Títulos e Documentos, às fls. 8/v a 9, sob o n.º 12, a seguinte entrada:

“Aos dezanove dias do mes de fevereiro do ano de mil novecentos e cinquenta e seis, nesta Vila de Santa Rita do Weil, do Município de São Paulo de Olivença, do Estado do Amazonas, às dez horas, no Cemitério denominado Santa Maria, onde foi vindo o Delegado Geral de Polícia deste Município, Teodomiro Patrício, comigo Escrivão de seu cargo, aí presentes os peritos notificados Henrique Geissler e Roberto Backsmann, proprietários, residentes nesta Vila, e as testemunhas Ricardo Geissler e Arlinda Backsmann, aqui também residentes, aos mesmos deferia o Delegado o compromisso legal, que foi por êles aceito, de bem e fielmente desempenharem sua missão na exumação dos restos mortais do cientista CURT NIMUENDAJU UNCKEL. Em seguida, a mesma autoridade intimou Antonio Lopes, morador do referido lugar, a indicar o local em que no dia onze de dezembro do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, foi sepultado o corpo do referido cientista. O ordenou então a dita autoridade, que Ricardo Geissler e Antonio Lopes procedessem à exumação e abertura do local ou seja da sepultura, o que fizeram com todas as cautelas, sendo pouco e pouco removida a terra. Descoberto o caixão que era de madeira e que se encontrava envadido por um lençol d’água, aberto que foi, retiraram os restos mortais encontrados que constou de: Calota Craniana, dois femor, massa encefálica apresentada sólida consistência, uma gravata e um par de botinas, que foi reconhecido pelos pontos como sendo do mesmo falecido de que se trata, de nacionalidade alemã, naturalizado brasileiro, nascido em mil oitocentos e oitenta e tres (1883), na Alemanha, então domiciliado em Belém do Pará, tendo vindo em estudo no local onde falecera, e cuja Identidade desse modo constataram, do que para constar lavrei o presente auto de Exumação de restos mortais, que lido e achado conforme vai por todos assinados e rubricados.

(...) São Paulo de Olivença, 11 de Setembro de 1957”.

Nos arquivos mortos do Setor de Etnologia foi encontrado o seguinte documento:

“Aos 19 de abril de 1958 realizou-se no Museu Paulista a Sessão Solene da Sociedade Brasileira de Sociologia convocada especialmente para a cerimônia de transladação dos restos mortais de Curt Nimuendajú para uma urna funerária, mandada fazer pela Sociedade no tipo de uma içaçaba, cuja guarda é confiada ao Museu Paulista até que se construa, junto a herma em homenagem ao grande etnólogo, a cripta onde deverá ser recolhida.

O Dr. Herbert Baldus, Diretor do Museu Paulista, abriu a sessão e passou a Presidência ao Dr. Fernando de Azevedo, Presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia, que depois de proferir algumas palavras sôbre o significado da reunião, deu a palavra ao Prof. Egon Schaden para, em nome da Sociedade, entregar a urna funerária à guarda do Museu. Em seguida, a palavra foi dada ao Prof. Harald Schultz, antigo aluno de Curt Nimuendajú que falou sôbre a personalidade de seu antigo mestre. O Prof. Herbert Baldus encerra a sessão,



CURT NIMUENDAJU (1883 – 1945)

Sepultura n. 21 da quadra IV do Cemitério do Redentor, Avenida Dr. Arnaldo, n. 1.105, em São Paulo, Capital.

agradecendo a presença do Sr. representante do Secretário da Educação do Governo do Estado de São Paulo, bem como das autoridades e professores presentes e entregando ao Presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia, para que fique no Arquivo da Sociedade, a certidão da exumação dos restos mortais de Curt Nimuendajú, expedida pelo Cartório do Juízo Municipal de São Paulo de Olivença, do Estado do Amazonas a 25 de setembro de 1957, Registro do Auto de Exumação constante do Livro n.º 6 à ff. 8v a 9. São Paulo, 19 de abril de 1958”.

Os nomes constantes do documento são os de Herbert Baldus, Fernando de Azevedo, Moacyr Expedito Vaz Guimarães (representante do Ministro Paula Lima, Secretário da Educação), Fernando Altenfelder Silva, A.C. de Mello e Souza, Egon Schaden, Dante Moreira Leite, Aziz Simão, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni e Renato Jardim Moreira.

E a urna e os despojos de Nimuendajú ficaram desde então no Museu Paulista, às portas do Setor de Etnologia. A içaçaba foi violada, um tapetinho vermelho esgueirou-se para seu interior, a cera de numerosas velas escorreu pelo granito polido, e durante 23 *anos* antropólogos visitantes, nacionais e estrangeiros, fitaram-na compadecidos ou com revolta nos olhos. Diariamente a urna lembrava ao Setor de Etnologia do Museu Paulista do que valem as expressões de respeito a um grande pesquisador.

Depois de 3 *anos* de viagens pelos labirintos da burocracia, o processo de inumação definitiva engordou em 49 folhas, mas Curt Nimuendajú, falecido em 1945, exumado em 1956, recolhido a uma içaçaba em 1958, foi sepultado em 1981.

Sem cerimônias, sem discurso nem solenidade. Simplesmente.